

LITERATURA, QUAL PODER?

LITERATURE, WHAT POWER?

Maria Perla Araújo Morais¹

Resumo: Neste ensaio, procuramos responder à pergunta “o que pode a Literatura?”. Relacionaremos a experiência literária à experiência de liberdade, acreditando que, nas sociedades neoliberais, há um sequestro da subjetividade. A Literatura, pelo contrário, instiga o conhecimento subjetivo e plural do mundo. Vivemos em sociedades centradas na regulação, na massificação, na retórica da produção de bens úteis e na repressão de corpos. Nesses espaços, os saberes humanísticos que priorizam uma visão emancipadora são negligenciados. A Literatura instaura a apropriação subjetiva e plena do mundo, por meio da linguagem e por meio do próprio corpo. Essa tomada de posse do mundo faz o sujeito entrar em contato com uma experiência de liberdade inexistente nas instâncias produtivistas e disciplinadoras do mundo.

Palavras-chave: literatura; poder; liberdade; subjetividade.

Abstract: In this paper we try to answer the question: "What can Literature do?". We relate the literary experience to the experience of freedom, believing that in neoliberal societies there is a kidnapping of subjectivity. Literature, on the contrary, instigates the subjective and plural knowledge of the world. We live in societies centered on regulations, on massification, on the retorics of production of useful goods and on the repression of the bodies. In these spaces the humanistic knowledges that prioritize an emancipatory vision are neglected. Literature establishes the subjective and full appropriation of the world by means of the language and of the body. This kind of taking possession of the world compels the individual to get in touch with an experience of freedom that is missing in the productive and disciplined instances of the world.

Keywords: literature; power; freedom; subjectivity.

A pergunta “O que pode a literatura?”, do jeito como está formulada, retira a Literatura daqueles espaços de autojustificativa em que, nas sociedades neoliberais, os saberes humanísticos costumam estar. Na pergunta está posto o reconhecimento da existência da Literatura e o problema ficaria, então, na busca das esferas em que exerceria algum poder. O corolário de todas as formas de poder é a opressão. Então, se a literatura tem algum poder, ela não seria opressora?

“A literatura pode muito”, diz Todorov. (2009, p.76) Entretanto, o fato de não assumir esse poder como finalidade última do texto literário seria o mais relevante. Assim, o texto literário, independente das esferas onde atua, não coloca o poder como projeto a ser

¹ Doutora em Literatura Comparada pela UFF, Professora da graduação e do Mestrado em Letras da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: perlamorais@gmail.com

construído ou almejado. O escritor, de acordo com Todorov, “em vez de impor, ele propõe, deixando, portanto, seu leitor livre ao mesmo tempo em que o incita a se tornar mais ativo.” (TODOROV, 2009, p.78)

A Literatura pode empoderar, mesmo que não assuma esse empoderamento como fim. Ela pode emancipar, mesmo que não coloque a emancipação como fim. Ela pode humanizar, mesmo que não coloque a humanização como fim. Os textos que assumem seu poder como fim não são literários, mas sim puramente ideológicos. Se a Literatura for assim, então ela pode algo mais: pode mostrar para os homens outras formas de se relacionar com o outro que não seja apenas pelo raptó do seu imaginário ou por sua exploração. A via propagada pela vida social, religiosa e econômica quer nos oferecer apenas uma opção de se relacionar com os outros: o sequestro de nossa subjetividade.

O mundo é plural, independente de uma retórica que parece uníssona em afirmar que só exista uma resposta ao mundo: a resposta legitimada por um poder que se propaga no tempo. Há um verdadeiro sequestro dessa pluralidade nos dias de hoje. Em nível local, basta vermos como são barrados de nossas escolas debates sobre pluralidades culturais, sexuais e religiosas. Em nível mundial, no fim da década de 1980, reavivou-se a ideia sobre o fim da História, apostando-se que o capitalismo teria vencido. Thomas Piketty, no livro *O capital no século XXI*, nos mostra que se articula em nossas sociedades neoliberais uma espécie de “capitalismo patrimonial” em que não o talento ou trabalho, mas a hereditariedade seria determinante para a formação e manutenção da elite econômica. (PIKETTY, 2014)

A Literatura sempre nos mostra que os textos, quando transpostos para outros sistemas de sentido, adquirem significações inesperadas. Assim, Eça de Queirós e Machado de Assis não copiam os franceses, como certa crítica baseada na noção de influências afirmava. Borges diria em “O escritor argentino e a tradição” que “nosso patrimônio é o universo”.(BORGES,1998, p.295) Não há limite para os trânsitos de ideias. Entretanto, o mesmo Borges em “Pierre Menard, autor do Quixote”, deixa claro que uma obra lida em outro tempo e outra realidade é sempre outra. Menard fez outro Quixote repetindo o *Dom Quixote*, de Cervantes, em outro tempo e outra realidade. Portanto é preciso atentar que sistemas de sentido são também locais e não puramente universais como os defensores de uma única via de história, da economia e da cultura querem ratificar.

Então, diante de um mundo tão singular e com tanta diversidade e complexidade, o que a literatura pode? Ela nos faz respirar a liberdade ao abraçar o singular, o diverso. Perdemos o chão, miramos a ausência.

Ao valorizar nossa função cognitiva, reaprendemos a nos relacionar com o mundo pela inventividade e não pela imitação. Ao valorizar nossa percepção corporal do mundo, a Literatura nos faz ver que somos um corpo de fruição e não só um corpo biológico, econômico e social. Se o mundo sequestra nossa subjetividade, a literatura no-la devolve. Convenhamos, num mundo em que, a todo momento, essa liberdade é subjugada ou trocada por uma pretensa proteção, a Literatura pode muito.

Várias figuras do imaginário ocidental anunciam a liberdade como destino do ser humano: Prometeu, Adão e Eva, Édipo. Por desobedecerem leis divinas, esses personagens acabam pagando um preço alto no próprio corpo. Formas de poder se apropriam de mentes e corpos. A luta do ser humano é pela liberdade, sempre vilipendiada por uma forma de poder: religioso, estatal, econômico. O que é impressionante em nosso tempo é o paradoxal sequestro da liberdade. Somos livres como nunca, mas somos presos como nunca. A prisão aparece paradoxalmente mascarada por um excesso de liberdade. Por exemplo, nossa liberdade de expressão no mundo virtual, os infinitos blogs e twitters que expomos ali não são meios de nos diferenciar dos demais para que anunciantes saibam que tipo de produto podem nos oferecer? Nós somos o produto ali, exposto, vendido e oferecido por nossas próprias palavras para os anunciantes. Como resistir em um mundo onde a prisão vem de diferentes frentes, com recursos refinados e travestida de liberdade?

A Literatura nos ajuda a experimentar a liberdade. Quando Guimarães Rosa nos momentos finais de *Grande Sertão: Veredas* descobre que o amor por Diadorim era uma falsa interdição, pois afinal ela era mulher, o escritor mineiro nos expõe de quantas interdições somos feitos. Como resposta a essa descoberta, Riobaldo clama: “Meu amor”:

Eu estendi as mãos para tocar naquele corpo, e estremei, retirando as mãos para trás, incendiável: abaixei meus olhos. E a mulher estendeu a toalha, recobrando as partes. Mas aqueles olhos eu beijei, e as faces, a boca. Adivinhava os cabelos. Cabelos que cortou com tesoura de prata...Cabelos que, no só ser, haviam de dar para baixo da cintura...E eu não sabia por que nome chamar; eu exclamei me doendo:

-“Meu amor!...” (ROSA, 1986, p.531)

A única verdade latente, o amor, o jagunço não percebera, porque se perdera em vários discursos de poder. Riobaldo diz: “Eu estava longe de mim e dele. Do que Diadorim mais me disse, desentendi metade.” (ROSA, 1986, p.450)

Num mundo em que “meu amor” pode ter vários sentidos, inclusive o irônico, Rosa faz renascer o sentido da expressão ali. Propicia, ainda, o contato com questões íntimas, latentes e interditas em nós mesmos. A Literatura nos deixa experimentar o silêncio, que

retorna preenchendo toda a narrativa de Riobaldo. Porque contra a exigência de dizer tudo, a literatura também se reserva o direito de não dizer. E, às vezes, esse não-dito é a única coisa a ser escutada no texto.

Assim, a Literatura retira a língua e nós mesmos da lama comum e nos faz renascer brilhantes. Ela afeta nossa percepção do mundo e, de repente, o mundo vira duradouro.

Benjamin chamaria experiências de linguagem dessa natureza como a linguagem nomeadora, algo como uma linguagem adâmica, capaz de nomear o objeto sentindo o próprio objeto. (BENJAMIN, 1970) A Literatura deixa entrever nossa potência em relação ao mundo, ela incita uma leitura ativa e paciente do mundo. Baudelaire, no seu famoso poema “As correspondências”, nos instigava a sermos sensíveis às relações inesperadas entre os sentidos e objetos. Ele nos pede para prescrutar a natureza como uma floresta de símbolos:

A Natureza é um templo vivo em que os pilares
Deixam filtrar não raro insólitos enredos;
O homem o cruza em meio a um bosque de segredos
Que ali o espreitam com seus olhares familiares.

Como ecos longos que à distância se matizam
Numa vertiginosa e lúgubre unidade,
Tão vasta quanto a noite e quanto a claridade,
Os sons, as cores e os perfumes se harmonizam. (BAUDELAIRE, 2012, s.p.)

Baudelaire nos faz ver que a poesia é uma experiência cognitiva, mas também corporal. Mallarmé, no seu famoso poema *Un coup de dés jamais n'abolira le hasard*, diria que é o acaso que instaura a poesia e não a ordem, o discurso previsível e morto. Manoel de Barros nos deixa sensível a esse mundo que cria linhas divisórias entre o que pode ou não ser sentido. O poeta diz que “tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma” é matéria de poesia:

Todas as coisas cujos valores podem ser
disputados no cuspe à distância
servem para a poesia. (...)

Tudo aquilo que a nossa
civilização rejeita, pisa e mija em cima,
serve para poesia. (...)

As coisas jogadas fora
têm grande importância
- como um homem jogado fora. (BARROS, 2010, p.147)

Manoel de Barros chama atenção para esse discurso dessemelhante, que é o discurso poético. A sociedade da qual o poeta difere instaura a utilidade, a produtividade como metas. É um discurso ilusório dessa sociedade porque nunca produzimos tantos bens inúteis em

nome da utilidade. O consumismo por si só, que sustenta essa sociedade capitalista, vende a utilidade a todo momento como projeto econômico, o que acaba se transformando em nós em projeto de vida. Não são só os objetos que nos devem ser úteis, amigos, amores e ideias devem servir para algo. Na realidade, estamos cheio de bens úteis totalmente inúteis, porque já nascem ultrapassados. O poeta é aquele trapeiro, de Walter Benjamin, ou o colecionador de cacos, de Drummond. Ele não é seletivo e excludente; a sociedade é. Essa deseducação dos olhos é um poder da literatura. Na poesia, o mundo não é desmontado para ser recomposto numa espécie de deseducação de língua e de sentidos?

Barthes afirma que a linguagem tem duas margens: uma “plagiária”, “sensata”, “fixada pelo uso da escola”, e outra margem “móvel”, “vazia”, capaz de tomar vários contornos. O espaço entre essas duas margens é erótico. (BARTHES, 1987, p.11), a encenação de um aparecimento-desaparecimento. (BARTHES, 1987,p.15), e a fruição de um escandaloso prazer. Diz Barthes que o texto “institui no seio da relação humana – corrente- uma espécie de ilha, manifesta a natureza associal do prazer (só o lazer é social), deixa entrever a verdade escandalosa da fruição.” (BARTHES, 1987,p.24)

O texto nos faz ver que temos um “corpo de fruição feito unicamente de relações eróticas” (BARTHES, 1987,p.25), que não somos apenas um corpo social e que a linguagem não é só poder ou comunicação, mas prazer. A Literatura, quando explora minúcias do mundo, por meio de linguagem, faz vir à tona esse corpo de fruição que somos.

O reino da Literatura não é “deste mundo”, porque este mundo acredita que ordenar, excluir, separar, priorizar e repetir essas operações sistematicamente nos dão segurança. O mundo sempre está tentando fugir do caos ou tentando domá-lo com explicações. A Literatura nos faz experimentar o caos. Quando Paulo Honório, no romance *São Bernardo*, tenta se apossar do tempo da memória, como ele se apossou da vida de Madalena e de todos ao seu redor, o relato ordenador não expurga a culpa. Do mesmo jeito *Dom Casmurro* deixa entrever sempre não o determinismo histórico e social de Capitu, mas o caos no qual Bentinho mergulhara depois de o amor se confrontar com seu discurso de classe.

Se o mundo manda massificar, homogeneizar, maximizar para gerar mais resultados, a literatura pede para individualizar. Quando coloca a experiência individual como prioritária, ela nos faz entrar em contato com a nossa própria humanidade. Ela nos deixa frente àquela experiência esquecida em nós de se apossar do mundo como um relato próprio e emancipador. Nisso ela se diferencia dos projetos ideológicos, um trabalho consciente de rapto do imaginário. A Literatura é um registro emancipador mesmo quando não versa sobre

emancipação.

O texto literário, sua natureza dialógica, deixa entrever vários discursos que concorrem para a promoção da realidade. Pois, como diz Benjamin, “Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram” (BENJAMIN, 1987, p.223) O presente e o passado devem ser tomados como relatos precários e não perenes.

Embora sejamos de uma sociedade que se crê científica e tecnológica, uma história ainda continua sendo mais impactante que um argumento puramente tecnicista. Pois relatos precários, individuais não são utilizados até em audiências públicas? Até ali, onde acreditamos que exista alguma perenidade, não somos confrontados sempre com a interpretação vacilante, com a leitura individual ou afetiva? Não estamos constantemente querendo ouvir e partilhar histórias? A Literatura propicia esse compartilhamento de ideias e, nesse ato, diz o que somos, em que acreditamos e anuncia o devir.

Essa moldura inicialmente parece libertadora: cria laços, forma comunidades, emana sonhos e nos faz acreditar que não estamos sós na miséria humana. Sobre essa busca de se estender nos outros e nos textos, que é um poder da Literatura, temos um mito que nos ajuda a pensar. Platão em *O Banquete* nos fala dos andróginos, seres que uniam em si os dois sexos. Por serem dois e poderosos, ousaram desafiar os deuses e invadiram o Olimpo. Como castigo, Zeus os separou. Antes plenos, agora estariam à procura do outro, buscando essa plenitude perdida. Antes “de uma força e de um vigor terríveis” (PLATÃO, 1972, p.29) se enfraqueceram e foram reduzidos ao mundo do trabalho, porque agora eles seriam dois. Só o gozo sem função, portanto sem filhos, portanto erótico, os faz vislumbrar essa plenitude. Esses seres carentes somos nós e nossa carência está sempre pedindo algo do mundo. A Literatura pode isso: oferecer ao homem essa extensão com o mundo e com outras pessoas. Mas o faz via erotismo, aquele encontro cuja função principal é o prazer.

Mas qual mundo compartilhamos? Qual comunidade criamos? Qual futuro projetamos a partir da Literatura? A literatura é um campo de ideias e, como tal, é minada por várias tensões. Por isso é preciso pensar, sem ingenuidade, nesse poder de criar laços e acabar com nossa solidão. Foi reconhecendo esse poder que vários projetos políticos reacionários recorreram à literatura como anteparo de suas ideias. Recentemente, no livro *Shakespeare in Swahililand* (2016), Edward Wilson-Lee discorre sobre como o escritor foi utilizado pelos colonizadores como um meio de criar a divisão entre os ingleses e os nativos do leste do continente africano. No início do século no Brasil, histórias infantis versavam sobre princesas negras que almejavam ser brancas. (SCHWARCZ, 2012)

É preciso reconhecer que a Literatura também pode transitar por ideologias que, para justificar sua naturalidade, utilizariam esse poder da Literatura. Assim, ideias vistas como naturais hoje não foram reafirmadas pela ficção? O Brasil da democracia social e racial não seria um mito confirmado e naturalizado por muitas narrativas ficcionais?

Mas essa pedagogia, acreditamos, é uma subversão do poder da Literatura. A Literatura não é pedagógica, embora ensine. Justificar a leitura de textos literários pela simples razão de que com eles aprendemos a ler e escrever é confundir meio com objetivos. Porque a escrita é o meio de difusão de alguns textos literários, mas não é o fim último da Literatura, assim como uma prova não deveria ser o fim último de um estudo de obra literária. Isso é a disciplinarização da Literatura, é a domesticação da Literatura nas escolas ou cursos superiores.

Se a escola liberta, ela deveria estar aberta para a subversão. Ou articulamos um outro conceito para liberdade ou acreditamos que libertar é só poder escolher um emprego no mercado de trabalho.

O território inefável da Literatura que a escola tenta disciplinar ou que ideologias tentam distorcer é a liberdade que ela dá a cada um de nós de, num momento específico, sermos, diante de um mundo fingido, autores de um mundo também. Esse “escandaloso prazer” ninguém pode retirar de nós. Porque é preciso reconhecer que a Literatura nos lembra de nossa liberdade. O mundo não nos ensina sobre a nossa liberdade.

Se há uma educação na Literatura é a aprendizagem de deseducar, porque é preciso que nos retirem alguma referência para percebemos como estamos sem referências ou como nossas referências são vulneráveis. Como em *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago, é preciso nos tirarem a ilusória visão para percebermos como estamos cegos.

Sem a Literatura teríamos um mundo mais pobre; seríamos homens mais pobres. A Literatura pode fazer com que nos relacionemos com a linguagem de forma a perceber sutilezas no mundo. Mario Vargas Llosa afirma que “O amor e o prazer seriam mais pobres, privados de delicadeza e de distinção, da intensidade a que chegam todos aqueles que se educaram e se estimularam com a sensibilidade e as fantasias literárias.” (LLOSA, 2009, s.p.)

O texto literário, ao se debruçar eroticamente sobre o mundo e sobre as palavras, aponta para sutilezas que, de outra forma, não notaríamos. Camões define o amor numa série de indefinições, mostrando como isso que chamamos de amor é indefinido:

Amor um mal, que mata e não se vê;
Que dias há que na alma me tem posto
Um não sei quê, que na[s]ce não sei onde.
Vem não sei como; e dói não sei porquê. (CAMÕES, 2003, p.273)

Se aponta para sutilezas da realidade para as quais não atentamos, a Literatura expande o mundo e, por isso, o enriquece.

A Literatura nos mostra como somos diversos, embora o mundo insista a nos homogeneizar, a nos massificar. Somos diversos como Fernando Pessoa nos mostra. Isso tudo porque é na inquietude e nos infinitos desejos e não na conformidade que articulamos nossa vida. Nossa “alma não é pequena” (PESSOA, 1986, p. 16), embora insistam em tentar domesticar, polarizar e simplificar a natureza humana. Numa época em que a luta pela liberdade foi cooptada, incorporada por uma retórica que se quer permanecer no poder, a Literatura nos mostra como não só ela, mas nossa própria liberdade está em perigo.

Referências

BARROS, Manoel. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BENJAMIN, Walter. “Sobre el lenguaje en general y sobre el lenguaje de los hombres” In: _____. *Sobre el programa de la filosofía futura y outros ensayos*. Trad. Roberto J. Vernengo. Venezuela: Mont Ávila Editores C.A., 1970.

_____. *Obras Escolhidas*. Vol 1. Trad. Sérgio Paulo Roaunet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BORGES, Jorge Luís. *Obras Completas*. Vol.1. São Paulo: Globo, 1998.

CAMÔES, Luís de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

LLOSA, Mario Vargas. “Em defesa do romance”. *Piauí*, ed. 37, out. 2009, Disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/em-defesa-do-romance/> Acesso em 28/05/2016.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

PLATÃO. *Diálogos*. Trad. José Cavalcante de Souza, Jorge Paleika e João Cruz Costa. São Paulo: Abril, 1972.

PIKETTY, Thomas. *O capital no século XXI*. Trad. Mônica Baumgarten de Bolle. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012

TODOROV, Tzvetan. *A Literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.